

ENTRE BOIS E BODES - A FRAGMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E O SEU PAPEL NA CONSCIÊNCIA DE CLASSE: UM PROJETO DE PESQUISA¹

Rafael Affonso Gaspar²

Resumo

O presente trabalho foi extraído do Projeto de Mestrado aprovado no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Inicialmente expomos a divisão existente dentro da área da Educação Física. De um lado temos uma corrente de pesquisadores voltados para a área das ciências humanas e do outro os pesquisadores voltados para a área das ciências exatas, criando uma disputa política dentro da área que foi aprofundada com a divisão do curso em licenciatura e bacharelado. Na sequência explicitamos o processo de formação da consciência de classe e questionamos qual o papel da fragmentação da EF neste processo.

Palavras chave: Educação Física; Diretrizes Curriculares; Consciência de Classe

Abstract

This work was extracted from the Project of Master's degree approved at the Programme of Post Graduate in Federal University of Santa Catarina. Initially we show the existing division within the area of Physical Education. On one hand we have a group of researchers that are focused on the humanities and the other researchers focused on the exact sciences, creating a political dispute within the area which was depth with the division of the course in graduate and bachelor's degree. After that we elucidate the process of class consciousness and asked what's the role of PE's fragmentation in this process.

Key Words: Physical Education; Curriculum Guidelines; Class Consciousness

Resumen

Este trabajo fue extraído del Programa Maestro del Proyecto aprobado en la Universidad de Graduados Federal de Santa Catarina. Inicialmente se muestra la división existente en el área de Educación Física. Por un lado tenemos una corriente de investigadores centrados en el área de humanidades y por otro lado, los investigadores centrados en el área de las ciencias exactas, creándose una disputa política dentro del área que se hizo más profunda con la división del curso en licenciatura y bachillerato. A continuación explicamos el proceso de formación de la conciencia de clase y planteamos cual es el papel de la fragmentación del EF en este proceso.

Palabras Clave: Educación Física; Curriculum Directrices; Conciencia de Clase

¹ O presente trabalho foi extraído do projeto de Mestrado em Educação aprovado na Universidade Federal de Santa Catarina.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO:

Encontramos na área da Educação Física (EF) duas correntes hegemônicas. De um lado temos os pesquisadores que enquadram a EF na área da saúde, defendendo uma prática voltada principalmente à promoção de saúde e combate ao sedentarismo. Estes pesquisadores se aproximam das ciências exatas, com maior ênfase à Biologia e Física³. De outro lado, temos os pesquisadores que entendem a EF como sendo da área da Educação, se aproximando mais das Ciências Sociais⁴. Estes pesquisadores defendem a EF como parte integrante de uma Formação Humana mais ampla, buscando uma visão crítica e transformadora do ser humano⁵ em relação a Cultura Corporal⁶. Existe uma disputa política entre essas duas grandes correntes na busca de uma legitimação dentro da sociedade.

Podemos lembrar que esta diferença de “visão” da EF pode ser encontrada à muitos séculos atrás, quando vemos os registros da Grécia Antiga e identificamos uma clara diferença do trato deste conhecimento nas cidades-estado de Esparta e Atenas. Na primeira os exercícios físicos tinham um caráter essencialmente voltado para a preparação física na formação de soldados. Ficaram conhecidos por seu exercito poderoso e pelos treinamentos desumanos na busca de uma excelência física. Ficava clara a predominância do físico em relação à cultura.

A educação espartana pode ser analisada como um prolongamento da que existiu na época homérica. Perpetuava a formação cavalheiresca, militar e aristocrática, com um sensível desprezo pelo aspecto cultural, este tomado no seu sentido mais amplo. Estado guerreiro - todos deviam ser soldados - alimentava uma política de eugenismo que outorgava a uma comissão de anciãos o direito de condenar os nascidos raquíticos e disformes. Suas mulheres eram formadas robustas, enrijecidas moral e emocionalmente, prontas a cumprirem o seu papel de reproduzir espécimes perfeitos em nome do melhoramento da raça. (OLIVEIRA, 1994, p. 11)

Já em Atenas, a visão era outra. Atenas dava maior ênfase à cultura e a preparação guerreira ficava em segundo plano. Os exercícios físicos faziam parte da educação ateniense e tinham relação com a cultura do povo.

A educação ateniense não tinha, porém, o caráter eminentemente militar que caracterizou a vida espartana. Os atenienses, descendentes dos jônios, povos amantes da cultura, não tinham o espírito guerreiro que os seus irmãos espartanos herdaram de antepassados dórios. Por estas raízes, a prática esportiva em Atenas subsistirá como um meio de formação do homem total,

³ Importante salientar que dentro deste grupo encontramos várias vertentes que se especializaram cada vez mais em diferentes áreas do conhecimento, como é o caso da: Cinesiologia, Biomecânica, Ergonomia, dentre outros.

⁴ Neste grupo também encontramos aproximações com outras áreas do conhecimento, como: Antropologia, Sociologia, Psicologia, dentre outros.

⁵ Esta formação não se dá somente na escola, também acontece nas academias, escolinhas de esportes, etc.

⁶ Importante destacar que o termo Cultura Corporal não é amplamente aceito na área da EF para especificar o conteúdo da mesma. Cada corrente opta por um termo diferente e estes carregam ideologias baseadas nas idéias de cada corrente. Podemos citar como exemplo: Atividade Física, Cultura de Movimento, Movimento Humano, Cultura Corporal de Movimento.

não se prestando apenas como preparação para a guerra. É de Sólon, legislador ateniense do começo do século VI a.C, o conselho: As crianças devem, antes de tudo, aprender a nadar e a ler. (Ibid, p. 12)

Na área da EF muito se discutiu e se avançou, mas até os dias atuais encontramos essa divergência dentro da área, muito parecida com a que acontecia entre Esparta e Atenas. Para explicitar este fenômeno, vou relatar um fato ocorrido durante a minha graduação no Curso de Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina. Durante a minha graduação fiz parte do Centro Acadêmico de Educação Física e percebi claramente a divisão dentro do próprio curso entre os professores e isto refletia nos alunos. Existiam alunos que se identificavam com a área mais voltada para a biologia e os que se identificavam com a área mais pedagógica. Os primeiros se interessavam mais pelas questões relacionadas ao “Fitness”⁷, os segundos se interessavam por questões relacionadas à educação e cultural como um todo. Desta rixa surgiram dois apelidos pejorativos: os primeiros eram chamados de Bodes (referência ao Body Systems⁸) e os segundos eram chamados de Bois (por se interessarem por uma manifestação popular característica açoriana, o Boi de Mamão). Durante esses anos muitas indagações surgiram, como: Por que existe esta divisão dentro da área da Educação Física? Quem se beneficia com esta divisão? Existem organismos que aprofundam esta divisão? Pra onde caminha a área com o aumento desta divisão? Qual o papel desta divisão na formação da “consciência de classe”⁹ do professor de EF?

JUSTIFICATIVA, DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E METODOLOGIA

“A produção científica é inseparável da própria história do homem e de sua produção material. A pesquisa científica está influenciada pelas condições históricas de sua produção (inter-relações materiais, culturais, sociais e políticas).”

Silvio Sánchez Gamboa

Como ponto de partida, entendemos que seja necessário situar a dinâmica social que está presente no processo histórico atual. De acordo com Marx e Engels, a história da sociedade é a história da luta de classes. Isso, a partir do momento que a sociedade passa do comunismo primitivo ao criar a propriedade privada, aos poucos duas classes vão sendo consolidadas, os proprietários dos meios de produção e manutenção da vida e os desprovidos destes meios. Podemos lembrar dos patrícios e plebeus, barões e servos, homens livres e escravos. Essas classes viveram em constante disputa, algumas vezes veladas e outras com batalhas sangrentas. O fato é que estas disputas culminaram na revolução e transformação de cada sociedade ou com o declínio comum das classes que estavam na disputa. (MARX; ENGELS, 2007)

Atualmente ainda vivemos em uma sociedade pautada na luta de classes, com interesses antagônicos. Trata-se do estágio mais recente do capitalismo, conhecido

⁷ Palavra inglesa que significa boa aptidão física. Esta palavra virou um jargão que identifica atividades voltadas para saúde, principalmente relacionado à academias de musculação e ginástica.

⁸ Empresa da área Fitness que desenvolve programas de treinamentos padronizados de ginásticas em academias.

⁹ Aprofundaremos esta questão mais a frente.

como Neoliberalismo¹⁰, Silva et all (2007, p. 106) apoiados em Antunes e Teixeira, esclarecem que

Trata-se de uma corrente do capitalismo atual, originária do liberalismo clássico, cujos mentores intelectuais são os economistas ingleses do século XIX, Adam Smith, David Ricardo e Thomas Malthus, cuja essência teórica advoga as seguintes idéias: a luta de classes antagônicas não existe; prega o livre jogo da lei do mercado, compreendida por essa corrente como *lei natural* e a única capaz de regular a economia. Nesse sentido, o Estado deve simplesmente intervir para proteger o funcionamento do mercado e não para obstaculizá-lo. Em tal visão de mundo, o importante é o lema *laissez-faire, laissez-passez*, isto é, o indivíduo e sua liberdade de ir e vir, empreender e consumir.

Neste estágio do capitalismo encontramos o incentivo e concretização à Globalização, sendo que esta, acontece principalmente no âmbito econômico, do livre comércio, onde a burguesia busca novos mercados em outros países. Se por um lado, o dinheiro flui livremente entre os países, por outro, os habitantes dos países menos desenvolvidos não tem a mesma facilidade para entrar nos países desenvolvidos.

Esses mesmos autores advertem que existe atualmente uma destruição das forças produtivas para garantir a manutenção do sistema do capital. Algumas das ações que manifestam essa destruição são: a

privatização dos bens e serviços públicos, destruição do patrimônio cultural da humanidade, destruição do meio ambiente, direitos dos trabalhadores, direitos à educação pública gratuita e de qualidade, direitos a um sindicalismo independente e autônomo, direitos à previdência social, direitos à infância, à juventude e à velhice sem exploração (Ibid, p. 112)

No que se refere às duas¹¹ classes antagônicas, temos de um lado a classe trabalhadora, com interesses imediatos que são baseados nos fatores necessários para a sua própria existência, como: direitos a alimentação, moradia, transporte, saúde, educação, cultura, esporte, lazer, etc,... Fatores estes essenciais para a formação de sujeitos críticos e transformadores. Esta classe, por não ser proprietária dos meios de produção da vida, se vê forçada a vender sua força de trabalho para conseguir o mínimo destes direitos que, na maioria dos casos, não são satisfatoriamente obtidos. Do outro lado temos a Classe Burguesa, proprietária dos meios de produção e grande parte das riquezas do mundo, tanto monetárias quanto naturais, forçando a outra classe a vender sua força de trabalho, explorando os trabalhadores com o objetivo de obter mais lucro e poder, podendo assim manter sua posição privilegiada. Assim, seus interesses históricos são além de garantir a sua qualidade de vida em detrimento de outras pessoas, manterem a estrutura atual para que eles possam continuar perpetuando seu poder na sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Encontramos diversos grupos políticos e setores conservadores da sociedade que insistem em negar essa realidade, seja de forma

¹⁰ Importante destacar que devido a conjuntura mundial atual o próprio Neoliberalismo entrou em crise, já que os Estados tiveram que intervir na economia para garantir a sobrevivência de diversas empresas e Bancos, injetando dinheiro público no Mercado privado.

¹¹ Neste projeto utilizaremos esta concepção mais simplificada das classes no capitalismo, porém buscaremos o aprofundamento desta questão durante a pesquisa que será desenvolvida durante o Mestrado.

ingênua ou de forma consciente, ambos terminam por legitimar e perpetuar esse sistema.

Face ao exposto, cabe perguntar: será que a luta de classes não existe mais? Resgatamos alguns dados concretos publicados no Anuário dos Trabalhadores, produzido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em 2007. De acordo com este órgão, a desigualdade social na região metropolitana de São Paulo (uma das cidades mais importantes do país) continua assombrosa. Este documento mostra a distância entre os limites de rendimentos dos 10% mais pobres e dos 10% mais ricos da região metropolitana de São Paulo em 2006 nos mostra que enquanto que os 10% mais pobres tinham um salário inferior a R\$252,00, os 10% mais ricos tinham um salário acima de R\$2.211,00. Para termos uma noção da gravidade da situação dos mais pobres, uma cesta básica nesta mesma época custava o preço de R\$176,99 de acordo com a mesma pesquisa. Assim como Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas lançado em 2005, nos explicita que esses mesmos 10% mais ricos da população brasileira se “apropriam” de 46,9% da renda do país.

Será que isso só acontece no Brasil? Ainda neste relatório há a indicação de que apenas sete países do mundo se encontram em situação pior que a do Brasil na relação de desigualdade na distribuição de riquezas. Enquanto que a proporção da renda entre os 10% mais pobres e os 10% mais ricos era de 1 para 94 em 2005, esta relação no mundo como um todo era de 1 para 103. Quem faz parte dessa porcentagem dos 10% mais ricos senão a burguesia? Será que esta concentrou essa riqueza através do seu próprio trabalho ou explorando a mais-valia da classe trabalhadora? Portanto, fica clara a tentativa da burguesia de mascarar a realidade para garantir a sua manutenção no poder. Esta é uma luta que se faz presente em todas as esferas da sociedade, a área educacional não é exceção.

Qual o papel do professor na luta de classes? Afinal, o professor faz parte de qual classe? Aprofundaremos neste momento a questão das classes sociais e o papel do professor. Como salientam Tumolo e Fontana:

o proletariado não pode ser apreendido a partir das características concernentes ao processo de trabalho, mas sim com base na relação social de produção. Assim, do ponto de vista da “classe em si”, proletariado é a classe social antagônica à classe capitalista, que, desprovida da propriedade de qualquer meio de produção, vende sua força de trabalho para aquela classe e que, ao produzir uma mercadoria, produz valor, mais-valia e capital. Ou seja, é a classe que, juntamente com a classe capitalista, compõe a relação de produção especificamente capitalista. Tal compreensão independe do tipo de trabalho concreto que é realizado, das características do valor de uso produzido e do setor de atividade econômica – um trabalhador do setor primário (campo) que produz maçã, um do setor secundário (industrial urbano) que fabrica máquinas ou um do setor terciário (serviço) que produz ensino. Também não tem nada que ver com as condições de trabalho, com o nível salarial, com características do trabalho – trabalho manual, trabalho intelectual, trabalho padronizado ou não, repetitivo ou não, trabalho menos

ou mais qualificado, etc. Nada disso importa, porque tudo isso diz respeito ao processo de trabalho. O conceito de classe proletária supera, pois, todos esses aspectos porque sua base é a relação de produção especificamente capitalista. (TUMOLO; FONTANA, 2006)

Portanto, a partir disso o autor coloca que os docentes trabalhadores de instituições privadas são constituintes da classe proletária por participarem da relação de produção capitalista. Já que

o professor vende sua força de trabalho ao proprietário da escola, produz uma mercadoria – ensino -, que pertence a este último e, ao fazê-lo, produz mais-valia e, conseqüentemente, capital, o que o caracteriza como um trabalhador produtivo. (Ibid, 2006)

Sobre os docentes que trabalham nas escolas do sistema público, Beluche afirma:

O docente assalariado pelo Estado, ao trabalhar por mais tempo do que o requerido para pagar o custo de sua força de trabalho, não está produzindo uma mercadoria que possa ser “capitalizada” neste mercado. Mas seu trabalho não deixa de ser essencial para o capitalismo, pois ele consiste em criar futuros assalariados com uma capacitação mínima para desempenhar distintos trabalhos. Quanto mais assalariados capacite em menos tempo, na mesma proporção barateia o custo desta futura força de trabalho. Então, a posteriori, reside o “lucro” que o capital extrai do docente público. (BELUCHE, 2005, p. 51)

Apesar destes argumentos situarem os docentes dentro da classe proletária da sociedade capitalista, isso não é um fato para grande parte dos professores. Isso se dá por não se identificarem com a classe trabalhadora devido ao seu processo de consciência. Dependendo do seu processo de consciência, o indivíduo pode ser identificar mais com uma classe que almeja fazer parte do que da sua própria classe.

Concordamos com Mauro Iasi, quando este autor afirma que a consciência é um processo, já que não pode existir um estado de “não consciência” (IASI 2007). Utilizaremos este autor como base para explicar o processo de consciência de classe.

A formação da primeira consciência se dá a partir das relações que temos com o mundo externo ainda bebês.

inicialmente, a consciência seria o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra maneira, uma realidade externa que se interioriza. (Ibid, p. 14)

As primeiras interações sociais que temos são com a família. Posteriormente com amigos, escola, meios de comunicação, etc. Assim é formado a primeira forma de consciência do ser humano. Esta consciência está limitada aquela determinada sociedade, que transmitiu seu valores. Uma sociedade escravista transmitirá determinados valores e uma sociedade capitalista transmitirá outros valores. De qualquer forma, nesta forma de consciência o indivíduo processa esses valores como naturais e inquestionáveis. Ao sofrer algo que o indivíduo considera injustiça, ele se revolta mas entende aquela injustiça como inevitável (“sempre foi assim, o que posso fazer?”). Na segunda forma de consciência (a consciência em si) se dá a partir de identificação com um grupo. Ao perceber que outras pessoas também sofreram a mesma

injustiça, o indivíduo se identifica e dá um salto qualitativo e gera uma ação coletiva. Quando grupos reivindicam alguma mudança, se tornam mais fortes que apenas o indivíduo e as mudanças em alguns momentos acontecem. Existe uma identidade de grupo, os integrantes têm interesses em comum que conflitam com outros grupos¹². Porém esta forma de consciência tem a sua contradição.

Quando um setor da classe operária confronta-se com o patrão exigindo, por exemplo, maiores salários, melhores condições de trabalho e outras reivindicações, dá mostras de que desvendou em parte o caráter da contradição fundamental entre a produção social e a acumulação privada e, sabendo disso, cobra do capitalista uma parte maior daquilo que produziu e que lhe foi retirado. O proletariado apercebe-se de sua força, de ser elemento-chave para o processo de produção, percebe seu poder de barganha e o usa contra o capital, adquire consciência de sua força, de sua união enquanto classe. Mas, digamos que essa luta atinja seus objetivos, que a greve seja vitoriosa. Os trabalhadores retornam ao trabalho com suas reivindicações atendidas. Estão novamente aptos a revalidar as relações de exploração, o trabalho alienado, ou seja, o próprio capitalismo. (Ibid, 2007, p. 31-32)

Isso se dá porque, neste exemplo, os valores e a lógica do capitalismo ainda estão enraizados dentro do indivíduo. A próxima forma de consciência é a consciência revolucionária (ou para si). Nesta forma de consciência busca-se um aprofundamento do entendimento de como funciona a sociedade e busca-se uma transformação radical da mesma. Porém, para que possamos chegar nesse estágio de consciência, é necessário passar pelo segundo estágio, a consciência em si.

Resgataremos agora as questões levantadas no começo deste projeto, referente aos professores de EF : Com a área da EF fragmentada, é possível o professor chegar à “consciência em si” para posteriormente chegar à consciência de classe? Qual o papel desta divisão na formação da “consciência de classe” do professor de EF? Os licenciados e bacharéis em Educação Física consideram-se companheiros ou adversários de profissão? Chegamos finalmente à seguinte pergunta de partida desta pesquisa: *Qual o papel da fragmentação da Educação Física na luta de classes?*

Teremos como objetivo desta pesquisa:

- *Fazer um levantamento das tendências epistemológicas dos principais cursos de Educação Física de Florianópolis*
- *Identificar qual o posicionamento dos Docentes dos Cursos em relação a fragmentação da área*
- *Identificar qual o posicionamento dos Dicentes dos Cursos em relação a fragmentação da área*
- *Analisar os currículos que estão fragmentados em Licenciatura e Bacharelado*
- *Identificar qual influência o Conselho Federal de Educação Física tem nesta divisão*

Para atingir estes objetivos, faremos uma revisão bibliográfica sobre a questão da Fragmentação do Curso de Educação Física; o Conselho Federal de Educação Física ; Diretrizes Curriculares; Consciência de Classe no Capitalismo e O Papel do Professor na Luta de Classes. Além dos autores já citados, podemos destacar alguns trabalhos que nos auxiliarão na revisão bibliográfica, como: Nozaki 2004, Taffarel 1997, Rezer 2009, Cruz 2009, Alves 2005, Marx 1989, dentre outros.

¹² Um exemplo deste estado de consciência é o sindicato de trabalhadores de uma determinada profissão.

Tomaremos como corpus de pesquisa os quatro principais cursos de EF de Florianópolis, dois privados (Unisul e Univali) e dois Públicos (UFSC e UDESC). Analisaremos os currículos e quais os motivos para a divisão entre licenciatura e bacharelado. Também buscaremos fazer entrevistas e questionários com os docentes e discentes de cada curso. Buscaremos descobrir a história dos embates políticos que culminaram na divisão de cada curso.

No ponto de vista do processo de coleta de dados, utilizamos a análise documental de caráter exploratório que, de acordo com Ludke e André, tem como propósito: “fazer inferência sobre os valores, os sentimentos, as intenções e a ideologia das fontes ou dos autores dos documentos” (1986, p.40). É importante salientar que a análise documental pode ser realizada com fontes de todos os tipos, como: livros, cartas, documentos oficiais, autobiografias, diários, etc (Bogdan & Biklen, 1994; Saint-Georges, 2005). Nesse trabalho analisamos documentos oficiais, já que se trata dos currículos dos cursos.

No que se refere ao método de pesquisa para alcançar os objetivos supracitados, utilizamos a Hermenêutica-Dialética para analisar o documento. De acordo com Minayo (2004) a Hermenêutica-Dialética apresenta-se como um “caminho do conhecimento” deixando de ser uma simples técnica de análise de textos para proporcionar um ponto de encontro entre as Ciências Sociais e a Filosofia, sendo que ambas tem como ponto de partida o Homem, com o objeto de análise a práxis social e buscam o sentido ético-político do pensamento.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Apoiamo-nos na perspectiva Materialista Histórica Dialética por entender que o conhecimento se dá a partir das condições materiais. Entendendo o ser humano como um sujeito histórico e social, isso significa dizer que cada sociedade vive em um tempo histórico e social diferente, influenciado por inúmeros fatores, dentre eles, o econômico, político, ideológico, etc. Esses fatores estão em constante transformação e influenciam diretamente a consciência e visão de mundo dos seres que vivem aquele determinado momento histórico. Portanto essas dimensões não podem ser deixadas de lado, caso isso ocorra encontramos o que Kosik define como pseudoconcreticidade em seu livro *Dialética do Concreto*:

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da *pseudoconcreticidade* (KOSIK, 1976, p.11).

Mais à frente ele aprofunda esse conceito salientando que o mundo da pseudoconcreticidade é uma mistura de “verdade” e “engano”. Em alguns momentos o fenômeno observado indica a essência, mas em outros a esconde. Ambos estão interligados, mas não são sinônimos. De acordo com Kosik, para que possamos chegar à essência precisamos fazer o que ele chama de “Detour”, ou seja, um desvio. Sem esse desvio ficamos presos no mundo da pseudoconcreticidade, acreditando que o fenômeno é de fato a essência sem chegar na “coisa em si”. Este autor ainda salienta que se a aparência, no caso o fenômeno, e a essência das coisas coincidissem, a ciência e a filosofia seriam inúteis.

Encontramos semelhanças entre estas definições de Kosik e o que Saviani aborda na introdução do seu livro *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, onde ele expõe a origem do chamado senso comum:

a concepção de mundo hegemônica é exatamente aquela que, mercê de sua expressão universalizada e seu alto grau de elaboração, logrou obter o consenso das diferentes camadas que integram a sociedade, vale dizer, logrou converter-se em senso comum (SAVIANI, 2004, p. 3).

Podemos ver que o mundo da pseudoconcreticidade não é construído somente pelo conhecimento popular, mas está também muito presente em pesquisas científicas de diversas correntes teóricas onde o enfoque se dá em certos ângulos, mostrando uma realidade parcial na tentativa de buscar uma “neutralidade” na ciência. Ignorando por completo elementos históricos e sociais de determinada realidade, contribuindo para esta visão de mundo hegemônica exposta por Saviani. Este autor ainda expõe os interesses por trás desta concepção de mundo hegemônica onde, de forma difusa, a concepção dominante atua sobre a mentalidade popular sobrepujando os interesses da classe trabalhadora em favor da classe dominante. Aos poucos esses interesses acabam se tornando naturais até para as classes exploradas a ponto de se tornarem tradição. Marx e Engels no clássico da literatura *A Ideologia Alemã* já chamavam a atenção para essa questão, como podemos observar:

As idéias da classe dominante são, em todas as épocas, as idéias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é ao mesmo tempo sua força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, o que faz com que sejam a ela submetidas, ao mesmo tempo, as idéias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual (MARX; ENGELS, 2006 p.78).

Concordamos com os autores e entendemos como meio de produção espiritual a Ciência, a Igreja, os meios de comunicação, as escolas dentre outros espaços que estão ligados à cultura e são frequentemente chamados de “formadores de opinião” o que não acontece por acaso.

Portanto reforçamos que as pesquisas e as ciências que se propõem a entender uma realidade social sem levar em consideração as contradições da sociedade, em todos os níveis, contribuem para reforçar o mundo da pseudoconcreticidade e senso comum. Esses pesquisadores, conscientes ou não, estão contribuindo para a manutenção do *status quo* ao mascarar ou desconsiderar totalmente a luta de classes existente na sociedade.

Saviani conclui e nós concordamos, que seja essencial a passagem do senso comum à consciência filosófica crítica. Somente assim a educação se tornará um instrumento de luta que possa ser utilizada pelas camadas populares para transformar a sociedade de forma revolucionária.

Para tanto acreditamos que a melhor ferramenta que possuímos para destruir o “mundo da pseudoconcreticidade” de Kosik ou o “mundo das aparências”, como coloca Marx, é utilizando o pensamento dialético e na pesquisa o Materialismo Histórico Dialético. Através dele podemos revelar a realidade concreta e chegar de fato a essência do objeto pesquisado. Para chegarmos à essência precisamos considerar que determinado objeto de estudo não é dado de uma hora para outra, toda a história da humanidade está por trás deste objeto. Para isso é necessário que utilizemos o método

da abstração para que possamos fazer o “Desvio” colocado por Kosik , que se constitui num

{...} progresso da abstratividade a concreticidade; em geral movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto (1976, p. 30).

No âmbito deste processo de abstratividade e concreticidade, possibilitado no encontro da hermenêutica com a dialética, surge o desafio de superar os “três obstáculos” durante o processo de análise dos dados, conforme nos aponta Minayo (2004). Primeiro, ela resgata a denominação de Bourdieu de “ilusão da transparência” que seria como se o mundo real se mostrasse nitidamente ao pesquisador. A autora alerta que quanto maior a familiaridade, do pesquisador com o objeto de estudo, maior também será o perigo dessa ilusão tornar presente na pesquisa.

O segundo obstáculo apontado por esta autora, está relacionado às técnicas e métodos de pesquisa. Para alguns pesquisadores essas ferramentas acabam tomando uma importância tão grande dentro da pesquisa que elementos mais importantes são esquecidos, como a fidedignidade às significações dos dados recolhidos, prejudicando a busca de realidade concreta ao sucumbir à “magia dos métodos”.

Como um terceiro obstáculo, encontramos a dificuldade de se relacionar os elementos teóricos (fundamentação teórica) com os dados empíricos vindos do campo. De acordo com a autora, isso costuma acontecer quando o pesquisador já teve problemas em superar o primeiro obstáculo, a “ilusão da transparência”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Melina. **Diretrizes Curriculares Nacionais: Um Olhar Através Da Vivência No Movimento Estudantil De Educação Física.** Curitiba: Monografia, Universidade Federal do Paraná, 2005

BELUCHE, O. **O Proletariado Comercial E O Trabalho Produtivo: Os trabalhadores do estado e a teoria marxista das classes sociais.** In: **As classes sociais no capitalismo.** São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sunderman, 2005.

BOGDAN, R. C. BIKLEN, S. K. **Invertigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos.** Porto: Porto 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

CRUZ, A. C. S. **O Embate De Projetos Na Formação De Professores De Educação Física: além da dualidade licenciatura – bacharelado.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

DIEESE. **Anuário dos Trabalhadores,** 2007.

GAMBOA, S. S. **Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos.** In: SANTOS FILHO, J. C. dos, GAMBOA, S. S. (org). Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1987.

GAMBOA, S. S. **Teoria e prática: uma relação dinâmica e contraditória.** In: *Motrivivência*, ano VII, nº 8, 1995.

IASI, M. L. **Ensaio Sobre Consciência e Emancipação.** São Paulo: Expressão Popular, 2007

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** 2a ed Rio de Janeiro Paz e terra 1976

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Idelogia Alemã: Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista.** São Paul: Martin Claret, 2006

MARX, Karl ; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Martin Claret, 2007

MARX, K. **O capital** critica da economia politica. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo; Hucitec, 2004.

NOZAKI, H. T. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho**: mediação da regulamentação da profissão. 2004. 399p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
REZER, Ricardo. “**Formas-de-ser**” **Da Educação Física Contemporânea – Duas Teses (não) Conclusivas...** Salvador: Anais do XVI Congresso de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009.

SAINT-GEORGES, P. de. **Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios econômico social e político**. In: SAINT-GEORGES, Pierre de (org).Práticas e Métodos de Investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 2005.

SILVA, M. R. (org). **Esporte, Educação, Estado e Sociedade**. Chapecó: Argos, 2007.

TAFFAREL, C. N. Z. **Perspectivas pedagógicas em educação física**. In: GUEDES, O. Atividade física: uma abordagem multidimensional. João Pessoa: Idéia, 1997.

TUMOLO, P. S.; FONTANA, K. B. **Trabalho Docente E Capitalismo: Um Estudo Crítico Da Produção Acadêmica Da Década De 1990**. Apresentado na Reunião Anual da Anped, 2006.

CONTATO: R. Jorn. Tito Carvalho, nº 155, Bloco Verona, Apto. 307
Bairro: Carvoeira
Cidade: Florianópolis –SC
CEP: 88040-480
Email: rafaelufsc@yahoo.com.br
Material para apresentação: Data Show